

## Dedicação duvidosa

Assiste-nos uma singular e invejável autoridade para nos pronunciarmos sobre os dramas da política burguesa, porque não partilhámos deles, nem tampouco temos quaisquer interesses e ambições que se confundam ou se choquem com as várias e vorazes quadrilhas políticas que assaltam o Terreiro de Paço, pelas mesmas razões que movem os lobos a descer ao povoado.

Isso permite-nos também ver claro, sem alucinações, nem paixões, nestas batalhas de apetites e nestas feiras de ensanguentadas disputas. E daí o não deixarmos as nossas antipatias ou simpatias formarem-se em face destes rótulos e etiquetas políticas, existentes, principalmente, para disfarçarem certas manobras e certos golpes audaciosos. Não é mistério, para nós, a ingerência de monárquicos confessos em situações republicanas e só nos causa assombro que ainda haja nesta hora, tão transparente, tão clara que chega a iluminar como luz do sol as manobras mais tortuosas e sombrias, quem não acredite que os «talassas», mormente a sua facção integralista, que é bastante perigosa e combativa, estejam concertando a mais atrevida ofensiva.

As questões que estalarão à cerca da orientação do Portugal são bem conhecidas e o público não pode ignorar quanto elas contribuirão para a desapareição, brusca e definitiva, daquele jornal que desde o seu primeiro número se arrogava à categoria, suprema e dogmática, de órgão oficial.

A intriga continua e desde que o Portugal se cadaverizou que ela redobrou de intensidade, sendo em grande número os integralistas que se movem, numa agitação nervosa, correndo todos os pontos onde lhes parece que podem ser bem sucedidos.

A *Idea Nacional* é um exemplo bem curioso de quanto a velhacaria é considerada, neste momento, uma arma de efeitos fulminantes para modificar posições.

Só, de resto, à grande necessidade oportunista, à grande conveniência política se pode atribuir o sacrifício doloroso que a *Idea Nacional* faz das suas doutrinas, simulando, para o público ler, que elas se coadunam com o apoio a esta situação—apoio que não lhes foi solicitado e que o pontapé violento que arremessou para a fronteira o director do *Correio da Manhã* demonstrava bem o desejo existente em se libertarem dum tão nutrido bando de amigos de Peniche...

Isto leva toda a gente a sérias reflexões. Pois os monárquicos estarão tão descaracterizados politicamente para pretenderem «purificar» a república, salvando-a dos seus erros e das suas manchas e estarão tão revestidos de borraça para não se sentirem magoados quando lhes fecham os jornais e lhes encerram os centros e ainda por cima se tornam mais animados no desejo de apoiar a situação até ao fim?

Lembra-nos a história daquele frade que até se prestava a cantar a *Marselhesa*, desde que em troca lhe dessem um donativo para fundar uma casa religiosa. Porque estarão os monárquicos semelhantes ao frade que cantava a *Marselhesa*, pois até se prestam a entoar a *Portuguesa* em surdina e a dar vivas à república em momentos solenes?

Há mais dum mês que se encontram presos treze operários acusados de agredir o director da Biblioteca Nacional. Se há um desses treze operários que assume a responsabilidade desse acto, porque não vai ele para o tribunal e não se soltam os seus companheiros?

### Edições SPARTACUS

A *Teoria Libertária ou o Anarquismo*, por Campos Lima, 3\$00.  
Entre *Vilhedos e Pomares* (novela), por Mário Domingues, 6\$00.  
No *Sertão d'Africa* (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6\$00.  
A venda nas livrarias em administração de A. Batalha.

Depósito: Livraria Renascença, Rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

### Edições de A SEMENTEIRA

Práticas neo-maltusianas... 5\$0  
O sentido em que somos anarquistas... 5\$0  
A peste religiosa... 5\$0  
A Liberdade... 5\$0  
A Internacional (música e letra)... 3\$0  
Pedidos à A. BATALHA ou ao Caiso Sodré, 82

## UMA VISITA AOS "SAGRADOS" TEMPLOS A NOVA FÉ E AS NOVAS DIVINDADES O DEUS DO DIABO

Há muito que me dizem, e eu leio, que o mundo entrou numa fase de grande intensidade mística, vindo-se por toda a parte a antiga fé renascer nas almas. Ora estas coisas interessam-me sempre, e muito mais agora, em que eu venho acumulando factos e razões que me provam o contrário. E eu digo já porquê. Nos meus tempos de moço, com muito menos gente e muito mais igrejas, estas enchiam-se de gente, em frente da porta principal, dando nós, em bicos de pés, assistíamos ao santo sacrifício ou aos sermões de penitência, numa corda que atravessava o adro, lado a lado, muito embora chovesse ou o calor rachasse pedras. Hoje, porém, visitando essas mesmas aldeias e essas mesmas igrejas noto que elas ou não têm sacerdote que as queira abrir, ou lhe faltam devotos que o queiram ajudar no amanho da vinha.

E o que sucede no campo, onde as tradições melhor perduram, sucede nas cidades pelo menos naquelas que passeio e conheço melhor.

Pode isso não agradar a muita gente mas a verdade é que a fé se perdeu e os deuses foram-se!

Em Lisboa, porém, dizem-me que as velhas tradições da fé, o velho culto ao Criador, se mantinha tão vivo e tão firme, como no tempo em que ele aparecia aos santos, ou transmitia aos reis seus divinos preceitos e vontades.

Quis ver. Quis sentir. Quis apalpar esse incremento espiritual das multidões devotas.

E comecei na quarta-feira, à tarde, a percorrer os templos. Pois bem: o que vi eu, o que senti e palpei eu desde a primeira visita, à Sé Patriarcal, até a última que fiz, hoje, sábado de Aleluia, à Basílica da Estrela?

O que vi eu e o que viu toda a gente?

Já na quarta de trevas eu notara casos bem anormais, como este: o Redentor defunto e os devotos contentes! Contentamento que foi sempre aumentando: na quinta muito mais que na quarta; na sexta muito mais que na quinta. A tal ponto que eu não cessava de perguntar a mim próprio: Porventura o Cristo não morrera este ano? Mas os santos cobertos? Mas os devotos de luto carregado? Mas os sermões de lágrimas?

Sim: tinha morrido. Os devotos, porém, é que não tinham pena, porque andavam contentes, radiantes! Tão contentes e tão alvoroçados como se ele fosse um tio rico que, em tratamento, à última hora, lhes deixasse alguns milhões em fundo externo ou quintas de grande rendimento na província.

No Corpo Santo a efervescência era tamanha, a alegria tão efusiva que eu pude ouvir uma senhora idosa gritar, correndo para as filhas: «Mais devagar, meninas! Tenham juízo!»

Mas ninguém tinha juízo, porque ninguém se lembrava de Deus morto.

As próprias senhoras que à porta recolhiam, nos sacos, esmolas para os nossos pobres, nem mesmo essas tinham o aspecto e atitudes que convêm numa semana destas. Erectas, graves, magestosas como imperatrizes! O orgulho da fé? Mas a fé verdadeira nunca motiva o orgulho, mas a humildade, a modestia!

Por seu lado, os devotos que deitavam no saco a nota desdobrada, petulante, para que a visse a mão esquerda, tinham também cara de pouca devoção. Os homens, sobretudo. Um deles, coitadinho, ia rolando nas escadas. Valeu-lhe a massa dos devotos, que o deteve, enquanto eu recordava aquela passagem do velho La Bruyère: «Duvida-se de Deus em plena saúde, mas em chegando a hidropsia, deixa-se a concubina e procura-se o padre.»

Outra singularidade notada ainda neste falado incremento da fé religiosa: é que não há pobres, nem operários.

Os milhares de devotos que nestes três dias acotovelaram e se acotovelaram nessas entradas e saídas, vestiam seda ou fazendas de preço. Gente humilde, velhas de toucas desbotadas, não achei. Blusas nenhuma. Pé descalço, nenhum, não obstante haver cá fora muita blusa rota e muito pé descalço. Dar-se há o caso de Deus não ter agora tempo para atender os fracos e os pequenos?

À saída da Conceição Nova, repeti para o meu camarada aquelas palavras de Drumont-Willen: «O grande, o perigoso acontecimento não é o despertar da Ásia nem as agitações do Islamismo: é a ameaça que pesa sobre a moral cristã.»

E teve razão, como acabou de ver...

Na Basílica da Estrela. Automóveis de luxo. Gente chic. Deus ainda e sempre amigo dos ricos. Saio recitando a quadra de Guerra Junqueiro:

Perante o pobre e o humilde,  
Vi sempre o Deus Sabaoth  
Mandar mais oiro a Rothschild,  
Mandar mais esterco a Job.

A novidade, porém, que mais me surpreendeu e chocou foi a que verifiquei ao descobrirem-se as imagens. No meu tempo de rapaz, o Cristo a que rezávamos pendia sempre dum cruz, chagado, exaustivo, desfilando.

Agora não: desceram-no da cruz e vestiram-no de brocados, com uma flor ao peito, em forma de coração. O outro tinha os cabelos empastados em sangue e a cabeça rodeada de espinhos. Este, porém, usa franças loiras, caindo pelos ombros, sempre penteados, com um risco ao meio e a barba ruiva, cuidada, como noivo que fosse ver a noiva. É chic. No meu tempo era feio. Alguma vez, mesmo, era hediondo. O de Santa Cruz, de Coimbra, o mais poderoso e milagreiro do país, era magro, como se pode ver ainda no Museu, onde recebe os antigos devotos. Nesse tempo todos eram lívidos e magros. Agora são coradinhos e cheios de feições. Os outros choravam, estes sorriam. Os outros vertiam sangue, estes usam essências, cobrindo a face de cosméticos.

Os outros vinham nus, só com a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

## RESSURECIT? NON EST ILLE!

## UMA VISITA AOS "SAGRADOS" TEMPLOS A NOVA FÉ E AS NOVAS DIVINDADES O DEUS DO DIABO

deira nunca motiva o orgulho, mas a humildade, a modestia!

Por seu lado, os devotos que deitavam no saco a nota desdobrada, petulante, para que a visse a mão esquerda, tinham também cara de pouca devoção. Os homens, sobretudo. Um deles, coitadinho, ia rolando nas escadas. Valeu-lhe a massa dos devotos, que o deteve, enquanto eu recordava aquela passagem do velho La Bruyère: «Duvida-se de Deus em plena saúde, mas em chegando a hidropsia, deixa-se a concubina e procura-se o padre.»

Outra singularidade notada ainda neste falado incremento da fé religiosa: é que não há pobres, nem operários.

Os milhares de devotos que nestes três dias acotovelaram e se acotovelaram nessas entradas e saídas, vestiam seda ou fazendas de preço. Gente humilde, velhas de toucas desbotadas, não achei. Blusas nenhuma. Pé descalço, nenhum, não obstante haver cá fora muita blusa rota e muito pé descalço. Dar-se há o caso de Deus não ter agora tempo para atender os fracos e os pequenos?

À saída da Conceição Nova, repeti para o meu camarada aquelas palavras de Drumont-Willen: «O grande, o perigoso acontecimento não é o despertar da Ásia nem as agitações do Islamismo: é a ameaça que pesa sobre a moral cristã.»

E teve razão, como acabou de ver...

Na Basílica da Estrela. Automóveis de luxo. Gente chic. Deus ainda e sempre amigo dos ricos. Saio recitando a quadra de Guerra Junqueiro:

Perante o pobre e o humilde,  
Vi sempre o Deus Sabaoth  
Mandar mais oiro a Rothschild,  
Mandar mais esterco a Job.

A novidade, porém, que mais me surpreendeu e chocou foi a que verifiquei ao descobrirem-se as imagens. No meu tempo de rapaz, o Cristo a que rezávamos pendia sempre dum cruz, chagado, exaustivo, desfilando.

Agora não: desceram-no da cruz e vestiram-no de brocados, com uma flor ao peito, em forma de coração. O outro tinha os cabelos empastados em sangue e a cabeça rodeada de espinhos. Este, porém, usa franças loiras, caindo pelos ombros, sempre penteados, com um risco ao meio e a barba ruiva, cuidada, como noivo que fosse ver a noiva. É chic. No meu tempo era feio. Alguma vez, mesmo, era hediondo. O de Santa Cruz, de Coimbra, o mais poderoso e milagreiro do país, era magro, como se pode ver ainda no Museu, onde recebe os antigos devotos. Nesse tempo todos eram lívidos e magros. Agora são coradinhos e cheios de feições. Os outros choravam, estes sorriam. Os outros vertiam sangue, estes usam essências, cobrindo a face de cosméticos.

Os outros vinham nus, só com a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

Os outros tinham vergonha, mas a pobre tanga com que, por piedade, lhes cobrissem as vergonhas. Agora trazem mantos de luxo, que põem a um canto os dos mais pretenciosos.

## AS ACUSAÇÕES DO "DIÁRIO DE NOTÍCIAS" CONTRA "O SÉCULO" FIZERAM-SE A' SOMBRA DUM IMORAL PRIVILEGIO

As incoerências da «O Século» e a sua defesa precária e violenta

Alves dos Reis teve uma carta apreendida, devido a um percalço que tanto pode acontecer à pessoa mais inteligente, como à mais estúpida. O *Diário de Notícias* publicou-a, não porque ela contribuisse para fazer luz nessa questão ainda hoje algo misteriosa e pouco esclarecida do Angola e Metrópole, mas porque ela servia para atacar e comprometer gravemente o *O Século*. E, como este último, ultimamente, numa brusca reviravolta cujas razões não queremos esmiuçar se voltou, fero e iracundo, contra o Banco de Portugal, fácil é de supor que a publicação da carta visava a inutilizar um adversário perigoso pelo poder de expansão de que dispõe.

Estando essa carta em poder da justiça e oferecendo vasta matéria para policial investigação, como se compreende que ela tivesse sido cedida só ao *Diário de Notícias* ficando no olvido, propositalmente, todos os outros jornais, incluindo o *O Século*, por ela gravemente comprometido? Não há uma razão decente para essa preferência, visto que a excepção aberta para com um só jornal constitui, evidentemente, um desprezo, senão uma desconfiança, desprimorosa e mesmo vexatória, para com todos os outros.

Para descobrir a moia oculta dessa preferência só há um meio: averiguar a relação em que se encontra o *Diário de Notícias* dentro da famosa burla do Banco de Angola e Metrópole. E como são inúmeras as provas da defesa que a *outrance* a folha da Moagem faz aos dirigentes do Banco de Portugal, fácil é adivinhar quem foi a entidade que se esforçou para obter a carta, com a condição exclusiva de dar toda, em primeira mão, num só jornal? E escusa-se repetir que o *Diário de Notícias* não é um órgão de informação, honesta e imparcial, mas sim um reu confesso do delito antipático e imoral de ludibriar o público, fornecendo-lhe em vez da verdade sobre qualquer acontecimento, a versão mais conveniente, e quasi sempre a mais mentirosa, aos interesses privativos e imorais.

Quando em Haia se fazia o sensacional julgamento de Marang, o órgão da antiga rua dos Calafates, em vez de confiar, como era natural e legítimo, a reportagem a um jornalista, entregou-a inteirinha, sem controle, a um director do Banco de Portugal, o sr. Fernando Emídio da Silva, que era um dos interessados no processo, no qual até intervinha como testemunha de acusação.

É fácil de prever que essa reportagem, em vez de constituir uma reprodução exacta do que se passava em Haia, foi um amontoado de mentiras, conscientemente forjadas, com o objectivo, bem definido, de ocultar o fiasco tremendo do Banco de Portugal, perante a justiça holandesa.

Esta dum homem que recebe pingües honorários dum Banco de que é director, além dos lucros fartos de certos negócios em que freqüentemente se envolve, arvorar-se em jornalista-amador, demonstra bem claramente o papel ignóbil a que desceu, servindo-se da imprensa para salvar a reputação, bastante combatida. De nada lhe valeu o hipocritismo pseudónimo de «Argus» em que se dissimulou, pois tudo se veio a descobrir. Se esta sociedade não tivesse perdido a última sombra de pudor, onde estariam a estas horas o sr. Fernando Emídio da Silva e o *Diário de Notícias*, seu agalhado interesseiro e seu cúmplice interesseiro? Mas como a sociedade se despurificou ao máximo um continua no Banco de Portugal e o outro vai prosseguindo impune, ludibriando o público e servindo de capa de burlas.

Mas há mais. O órgão que ostenta como director o nome do antigo industrial de pilhérias teatrais, sr. Eduardo Schwabach, recebeu também uma outra carta de Alves dos Reis. Porque a não publicou? Ocultou-a do público, não por ser destituída de interesse, mas porque não só era indifé a defesa do Banco de Portugal, como encerrava algumas acusações bastante comprometedoras. E como é ele o detentor dessa escandalosa publicidade, nenhum jornal a poderá reproduzir, ficando assim inédita por conveniências bastante particulares e bastante imorais.

## O OITAVO CONGRESSO PEDAGÓGICO

## O professor Faria Artur fala à "Batalha" sobre a assembleia magna dos educadores que vai reunir-se em Viseu

A tese «Defeitos de Pronúncia» e a situação de 4.000 professores sem colocação

Os professores primários do país vão reunir-se em congresso ordinário nos dias 20, 21 e 22 do corrente em Viseu. A citada assembleia magna dos educadores de nossos filhos, quer pela importância dos problemas que vai ventilar, quer pelo número de congressistas que comporta promete ser um acontecimento de grande importância.

Noutra emergência, um congresso de professores era um acontecimento de valor. No presente momento, dada a situação delicada que atravessam as classes laboriosas desse acontecimento tem um duplo valor.

Porisso ontem nos dirigimos à União do Professorado Primário, à rua Damasceno Monteiro, em procura de um elemento da organização que nos podesse dizer duas palavras a propósito da reunião de Viseu.

Em frente de uma bizarra montanha de expediente fomos encontrar o professor sr. Faria Artur, secretário geral da referida União, dando despacho a algum desses expedientes. Mal dissemos ao que iam, o sr. Faria Artur, amavelmente, apesar dos seus muitos afazeres, foi-nos explicando os fins do Congresso Pedagógico de Viseu. Algumas das suas declarações:

—A assembleia da capital da Beira Alta,

Desce ainda mais o órgão defensor do Banco emissor do Estado quando, declarando que Alves dos Reis é um mentiroso, porque acusa o referido Banco, já o considera verdadeiro porque ele compromete o *Século*. Que estranha e retorcida lógica!

O *Século* não se defende como esperávamos: em vez duma negação clara e sem frouxidão, feita sem rodeios e sem sofismas, espirra as mais vistosas e declamativas tiradas, atirando contra o *Diário de Notícias* vários remques que nada têm que ver com a questão. Conventencia melhor linguagem, menos rebarbativa e mais concisa, negação mais directa



## TEATRO APOLO — HOJE A'S 21,30 — Entre os Lobos

PEÇA POPULAR — PREÇOS POPULARES

## Lisboa trágica

## Numa pedra

Na enfermaria de S. Francisco do Hospital de S. José, deu entrada João Prata, 34 anos, trabalhador, natural de Castelo Branco, residente em Loureiral do Campo, que andando a trabalhar, numa pedra, em Chão de Maçãs, ali deu uma queda, resultando fratura numa perna.

## Atropelamento mortal

Da casa mortuária do Hospital de S. José, foi transportado o cadáver de António da Fonseca, para a morgue. Trata-se da quele infeliz guarda-noturno, que foi, como noticiamos, atropelado por um automóvel na Avenida da República, em 8 deste mês.

## Farto de viver

A enfermaria de Santa Emília do Hospital de S. José, recolheu Arminda Gomes Lopes, 47 anos, solteira, natural de Tondela, residente na Rua de Vale Formoso, 37, 1.ª, que na sua residência, tentou suicidar-se, resultando ficar em estado grave.

## Colhido por uma máquina

Na Sala de Observações do Hospital de S. José, deu entrada, Paulo Rosário E. tacio, 17 anos, operário, residente na Rua da Boa Vista, 130, r/c, que na Companhia «Providente» foi colhido por uma máquina, resultando ficar gravemente ferido numa mão.

## Queda numa escada

No Banco do Hospital de S. José, recebeu curativo e foi para casa, Arsénio Pereira, 47 anos, fotógrafo, residente na Travessa de Santa Marta, 35, 2.ª, d. que deu uma queda, na escada dum prédio da Rua Pascoal de Melo, ficando ferido na cabeça.

## No Necrotério

Na Morgue deram entrada os cadáveres de Manuel Joaquim Domingos Júnior, 75 anos, residente na Rua Marques Sá da Bandeira, 37, A, que faleceu sem assistência médica, e Cipriano Duarte, 35 anos, natural da Ericeira, que foi acometido de doença súbita, na via pública.

## Ferimento grave

Na sala de observações do Hospital de S. José deu entrada o carpinteiro Manuel dos Santos Ganso, de 36 anos, residente em Grandola, por se ter ferido com a cunha de uma serra.

## EFEMÉRIDES

## 17 de Abril

1967.—O padre António Vieira obtem do papa um Breve que o livra das torturas e do poder da inquisição portuguesa.

1881.—Promovido pela Associação Liberal, realizou-se no Porto um grande comício antiesclavagista.

1900.—Estala a greve revolucionária de operários italianos residentes em Croton-Estados Unidos da América. Armados de espingardas, chucos e pedras, os grevistas enfrentam a polícia, tendo-se registado inúmeras mortes e ferimentos de parte-a-parte.

1922.—Inaugura-se na Câmara Municipal de Lisboa o Congresso Nacional de Educação Popular, promovido pela universidade Livre. A. C. G. T. esteve ali representada.

1925.—Na Igreja-catedral de S. Sofia rebenta uma bomba de grande potência, matando 250 pessoas e ferindo 160.

## 18 de Abril

1838.—Nasce em Vallerange, François Perrier, geógrafo e matemático.

1901.—Por um decreto assinado por Hintze Ribeiro, Campos Henriques e Teixeira de Sousa, autoriza-se cavilosamente o ensino dos jesuítas em Portugal!

1913.—Tumultos violentos em S. Petersburgo por causa do aniversário do massacre operário no Lena.

1920.—Reaparece A Batalha, que não se publicava desde o dia 15, em consequência da apreensão sistemática, ordenada pelo governo António Maria Baptista.

1925.—Estala em Lisboa um movimento militar e conservador, proclamando a C. G. T. a greve geral contra os revoltosos.

## LITERATURA REVOLUCIONARIA EM CASTELHANO

Maximo Gorki	6800
Como se forja um Mundo Nuevo. Cuentos de Italia.	6800
La vida de um Homem Inmortal.	6800
Wladimir Korolenko	6800
El Imperio de la Muerte	6800
Dr. G. Feydoux	6800
La vida tragica de los Trabajadores	10500
Jean Masekian	10500
La Educación Sexual	10500
El matrimonio, el amor libre y la libre maternidad.	9500
E. Reclus	6800
La Montaña	6800
El Arroyo	6000
Octavio Mirbeau	6800
El Calvario	6800
P. Kropotkin	6800
La etapa, la revolución y el Estado	6800
Luis Fabry	6800
Crítica revolucionaria	6800
H. Malatesta	6800
Ideário	6800
F. Dostoyevsky	9800
Los Hermanos Karamazov	9800
Trotsky. — Constitución política de la República de los Soviets.	550
G. Williams. — O congresso da Internacional Sindical Vermelha	1500
C. de G. O. N. M. — Proclamação consciente	5800

## A NOVELA SOCIAL

Interessante coleção de 10 novelas colaboradas por um bom número de escritores revolucionários — Preço . . . . . 1080

## A EPOPEIA DO TRABALHO

— POR —  
Ferreira de Castro, com desenhos de Roberto Nobre

Esplêndido livro, que é um verdadeiro hino ao Trabalho, com dezenas de gravuras. A' venda nas livrarias, ao preço de 6500 e, a cobrança, de 7500.

Pedidos à Livraria Renascença, de J. Cardoso, editor, Rua dos Poiais de São Bento, 27 e 29 e à Administração de A Batalha, calçada do Combro, 38-A. 2.ª — Lisboa — Portugal.

## TEATROS

## MUSICA

## CINEMAS

## No Coliseu dos Recreios

## A festa do Grémio dos Artistas Teatrais

Quatro actores escreveram uma Vida de Cristo e Venceslau Pinto musicou-a. Nesta semana em que o snobismo católico dá lugar aos seus impulsos, confessamos que não podíamos o Grémio dos Artistas Teatrais escolher melhor peça para chamar uma concorrência farta ao Coliseu, o que redundaria em forte receita também para o seu cofre de beneficência. Não cremos que os autores da peça, pelo menos Duarte Costa e Jorge Grave, tivessem o intuito de pôr um miligramma mais na propaganda católica que dia a dia mais se vai intensificando. Simplesmente acreditamos que, dada a quadra do ano e o fim meritório, a escolha do assunto viria satisfazer os fins que tinham em vista. A exibição de A Vida de Cristo foi um magnífico pretexto para reunir muitos dos nossos artistas teatrais que, dentro da responsabilidade dos seus papeis, contribuíram com o seu esforço para o bom andamento do drama religioso.

E, sem de modo algum achar preferências, não podemos deixar de salientar o desempenho dos três papeis confiados a Ilda Stichini, Alexandre de Azevedo e Lucília Simões.

Os outros actores e artistas ajudaram proficentemente ao equilíbrio do conjunto. A indumentária e a scenografia, tanto quanto possível adequadas.

## Nogueira de BRITO

## Coliseu

## A Mouraria

A célebre e popular opereta «Mouraria», que ontem fez a sua estreia no Coliseu dos Recreios onde dará apenas mais quatro espectáculos em duas sessões a preços populares, alcançou ontem ali mais um extraordinário triunfo, ampliando em novos fados cantados pela distinta actriz Margarida Ferreira e pelos afamados cultivadores da canção nacional Joaquim Campos e Júlio Proença, que o público aplaudiu com um extraordinário entusiasmo obrigando-os a cantar repetidas vezes.

Os novos efeitos scenicos introduzidos na popular opereta tornam-na mais interessante e dão mais grandiosidade a todos os números em que entram grandes massas de figuração como a marcha aux flambeaux, as danças populares e as cantigas á desgarada.

A «Mouraria», que é uma peça genuinamente portuguesa, tem a sua acção num dos bairros mais característicos da capital, descrevendo os costumes e os actos dos seus habitantes em toda a sua variedade.

## Lucia de Lammermoor

Vai ser satisfeita, no próximo dia 23, a ansiedade do público com a estreia no Coliseu dos Recreios, de uma grande Companhia de Opera italiana da qual fazem parte, além da grande soprano lírico Mercedes Caspir e de outros artistas já citados, os notabilíssimos tenores Alexandro Rotta, Francisco Pierelli e Pablo Civil que têm firmado a sua fama nos principais teatros líricos do mundo.

A opera de abertura será a «Lucia de Lammermoor» em que Mercedes Caspir, a «diva da voz de ouro», tem uma das suas muitas coras de glória.

## Foz

## A revista triunfante

Continua a ser o sucesso teatral, a revista «Secretário dos Amantes», que, todas as noites, às 20,45 e às 22,45 e se exhibe no Teatro Sálao Foz.

O público que diariamente enche o popular teatro, aplaude os números de Hortense Lutz, de Maria Laura, de Luisa Durão, como o trabalho do «compre» José Vitor, de Joaquim Prata e de Armando do Nascimento.

Obtiveram também êxito os bailados das artistas francesas «Socurs Wallis», sendo igualmente aplaudidos os números da «Foz Melody Band».

Hoje e nos dias seguintes há «matinée» cinematográfica, que começa às 14,30, com um excelente programa.

## Apolo

## Entre os lobos

A reaparição, no teatro Apolo, da peça «Entre os lobos» vem radicar ainda mais o seu sucesso, tornando-a, assim, uma das peças mais queridas do público. O seu valor acentuadamente popular, a descrição da vida dos pescadores e caçadores do Polo Norte, a aparição de uma bela rapariga americana entre bandidos da pior espécie que para ali foram fugidos das gales e que a disputam como uma presa do maior valor, tudo isso arrebatou e emocionou o público que segue com a maior atenção todos os lances teatrais magnificamente arquitetados e soberbamente desempenhados por todos os artistas da companhia de que fazem parte Palmira Bastos, Fernanda Valera, Henrique de Albuquerque e Clemente Pinto, cujos créditos de há muito estão formados. «Entre os lobos» dará uma curta série de representações a preços populares.

## Um filho de III classe...

O «vaudeville» em 3 actos «Um filho de III classe...» que Pedro Bandeira e Alvaro Agia, adaptaram, e cuja «première» esta marcada para sábado, no Apolo, com a «Companhia Almeida Cruz», tem lindíssima música, original de C. Attie e Raul Ferrião e será apresentada com cenários novos de Reinaldo Martins e António de Almeida.

Em «Um filho de III classe...» o actor Artur Rodrigues interpreta o papel dum professor de canto, do qual deve tirar o maior partido, dada a feição comica que o distingue.

## A Festa de Margarida Ferreira

As 1.ªs recitas que realizará no Apolo a «Companhia Almeida Cruz», após o seu regresso àquele teatro, são na quinta feira, em homenagem à actriz Margarida Ferreira.

Para esses espectáculos já estão á venda os bilhetes, no Apolo.

## Eden-Teatro

## O Rei dos Judeus

O espectáculo de mais palpante actualidade efectiva-se no Eden, aonde, em duas sessões, se representa a peça «O Rei dos Judeus», na qual é historizada A Vida de Cristo. A emocionante visão de A Tragedia do Calvario e encontro da Mãe de Jesus com a de Judas, e entrevista de

## ACORRENDO

## AO APELO DE «A BATALHA»

Mais uma vez o operariado está manifestando a sua simpatia pela «A Batalha».

Ontem vieram à nossa administração muitos camaradas entregar o seu auxílio, para que o jornal prossiga na sua grande missão, em defesa dos sublimes ideais de regeneração humana.

Chegam também ao nosso conhecimento informações de que em várias oficinas se estão abrindo quotas que deverão ser recebidas por toda a semana que entra.

A solidariedade, pois, que os trabalhadores estão prestando a «A Batalha», significa, além de uma dedicação já por várias vezes patenteada, uma elevada visão do momento que decorre.

E ninguém melhor do que os trabalhadores sentem as necessidades que se atravessam.

## Importâncias recebidas:

Transporte . . . . . 458000

Guilhermina Sequeira . . . . . 2850

António Inácio Martins . . . . . 2850

José Ferreira Carvalho . . . . . 2850

José da Silva . . . . . 5800

Miguel José Carvalhada . . . . . 10900

Tomaz da Fonseca . . . . . 25800

Camilo Pereira . . . . . 5800

M. M. . . . . 50800

Pessoal gráfico da Empresa Portuguesa-Brasil:

Alfredo Campos . . . . . 5800

Freitas . . . . . 1500

Felix . . . . . 1850

Fidalgo . . . . . 1100

Cassiano . . . . . 850

Ribeiro . . . . . 770

Casimiro . . . . . 850

Mário . . . . . 850

Anónimo . . . . . 850

Um amigo de «A Batalha» . . . . . 2850

Francisco Manuel dos Reis . . . . . 10800

A. L. G. . . . . 5800

José Maria Lopes . . . . . 5800

Baldomero . . . . . 10800

N. N. . . . . 5800

Carlos Teixeira da Silva . . . . . 2850

Que na Casa da Moeda:

Serapim Tavares . . . . . 2850

José de Oliveira Soares . . . . . 3800

José da Silva . . . . . 5800

Joaquim Neves . . . . . 2850

Artur Carvalho . . . . . 1800

Humberto Ferreira . . . . . 1800

Rafael Alegria . . . . . 1800

Manuel Afonso . . . . . 1800

José Alberto da Silva . . . . . 1800

José Marques . . . . . 5800

Miguel Anjos . . . . . 1800

Manuel Lopes . . . . . 1800

Antonio Silva . . . . . 1800

Anónimo . . . . . 850

José Afonso . . . . . 850

Luís Santos . . . . . 2800

Alvaro Silva . . . . . 1800

Cipriano Antonio . . . . . 2800

Antonio Marques . . . . . 1800

Garcia . . . . . 1800

Jaime Tiago . . . . . 10800

Henrique Gomes . . . . . 2850

Antonio Nunes . . . . . 1850

João Vicente . . . . . 1850

José Antonio Cabral . . . . . 5800

João Serra Junior . . . . . 2850

Grupo dramático «O Despertar» (Silves) . . . . . 50800

A transportar . . . . . 719250

## MARCO POSTAL

Qualquer parte. — A Guerra. — Recebi, de 19 a 20 do mês que corre.

## Novidades literárias

## CAVALGADA DO SONHO

## TERRAS DE FOGO

## Juliano Quintinha

2.ª Edição — Escudos 8800

A' venda em todas as livrarias. — Pedidos à secção de Livraria de A Batalha

«Pilotos» com: «Madalena», «A Ceia dos Apóstolos», «A rua da Amargura», «A irradiação de Judas», e muitos outros episódios são apresentados na famosa peça por uma forma de absoluta novidade teatral.

Tudo o que, rapidamente, deixamos descrito, pode ser apreciado no Eden-Teatro, por preços modicissimos, custando os camarotes e frisas 2850; os «fauteuils», 7800 e a «geral» e «promenoir», 2850.

## Espectáculos de hoje

## TEATROS

Nacional — A's 21,30 — «A Morte Civil».

Apolo — A's 21,30 — «Entre os lobos».

Trindade — A's 21,15 — «Os dois maridos da senhora».

São Luís — A's 21 — «Paganini».

Eden-Teatro — 20,30 e 22,30 — «O Rei dos Judeus».

Coliseu dos Recreios — A's 20,30 e 22,30 — «Mouraria».

Politeama — A's 21,30 — «Os Filhos».

Variedades — A's 20,30 e 22,30 — «A Sagrada Família».

Avenida — A's 21,30 — «O bom ladrão».

Sálao Foz — A's 20,30 e 22,30 — «Secretário dos amantes».

Joaquim de Almeida — A's 20 e 21 — Cinema e variedades.

## CINEMAS

Tivoli — Todas as noites animatográfico.

Sálao Olimpia — Todos os dias de 2,30 da tarde às 12,30 da noite. Sessões consecutivas de animatográfico e concerto musical. — Rua dos Condes.

Jardim Zoológico. — Exposição de animais.

## Coliseu dos Recreios

## HOJE

## DUAS SESSÕES

A's 20,30 e 22,30

## 2.º DIA

de representações nesta monumental casa de espectáculos da célebre opereta popular

## MOURARIA

Retumbante sucesso da distinta actriz

Margarida Ferreira

nos anos de «CESTRA» e de «MOURARIA» e dos afamados cultivadores da canção nacional

JOAQUIM CAMPOS e JULIO PROENÇA

que ontem obtiveram um êxito colossal

## PREÇOS POPULARES

Camarotes a 20800; «Fauteuils» a 5800; Geral a 2800

Venda de bilhetes a qualquer hora sem locação

## EGOS DA REVOLUÇÃO

Quando reabre o Sindicato dos Profissionais da Imprensa?

Conforme ontem noticiámos, em reunião do Conselho de Ministros foi resolvido autorizar a reabertura do Sindicato dos Profissionais da Imprensa, mandando encerrar logo após o movimento revolucionário. A pesar dessa resolução, ainda se conserva selado o gabinete que pertence a esse organismo, o que não se compreende muito bem.

Ontem reuniu a direcção do Sindicato dos Profissionais da Imprensa que, apreciando mais uma vez a injustificada atitude havida para com este Sindicato, registou a resolução do Governo, ordenando a sua reabertura, facto que lhe foi comunicado pessoalmente pelo ministro dos Negócios Estrangeiros.

Finalmente, espera a Direcção do Sindicato dos Profissionais da Imprensa que a autoridade respectiva cumpra as determinações do Conselho de Ministros, para poder convocar a Assembleia Geral e reentrar na sua vida normal.

## Três prisões

Sob a acusação de fazerem propaganda contra o governo, foram ontem á tarde presos, no Rossio, os srs. José Marques, Eduardo da Conceição Marques e José Rodrigues, 1.º sargento reformado.

Procedeu á captura dos presos, que seguiram para o Governo Civil, o agente Graça, da policia de informações do Ministério do Interior.

## MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Sincua» são hoje expedidas malas postais para Ponta Delgada e New-York; pelo paquete «Flandria» para Las Palmas, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires e pelo paquete «Arlanza», da Mala Real Inglesa, para a Madeira, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires. Da caixa geral as últimas tiragens de correspondências são respectivamente ás 9 e 10 horas da manhã.

## Solidariedade

## Festa de auxílio

Realiza-se no dia 24 do corrente, no Sálao de Festas da Construção Civil, uma festa de auxílio a Ermelinda Costa, companheira de Filipe José da Costa, que se encontra a braços com uma terrível enfermidade que a impossibilita de trabalhar.

O espectáculo constará de um drama recolhido, um acto de variedades, em que tomam parte Elvira Guedes, Domingos Gonçalves, Arlete de Almeida, Branca Marques, Ivone Guedes, José de Almeida, Daniel Silva, José Esteves e o actor António Vitorino, canção nacional por diversos cultivadores e representação da comédia «O comissário é uma joia».

Abreilhanta a festa a trupe de bandolistas «Os Lusitanos». Os bilhetes podem ser procurados no grupo dramático «Solidariedade propiária».

## DESPORTOS

No campo de Pahiá, realiza-se um jogo de futebol entre o grupo chileno «Colo-Colo F. C.» e o «Vitória F. C.», campeão de Lisboa.

No campo de São Vicente realiza-se a festa desportiva do «União Lisboa».

## No tribunal da Boa-Hora está

desde há dias o processo da agressão ao dr. Fidelino Figueiredo. Porque não são ali enviados os arguidos que se encontram em



— Era um batalhão de guardas móveis que atacava esta posição; os insurgentes defenderam-se como heróis, morrendo a maioria deles, e sendo os restantes feitos prisioneiros.

— Marik Lebrecht, confundido com eles, e mais tarde processado em conselho de guerra, declarou lealmente que deplorava aquela revolta, embora lhe reconhecesse a legitimidade, e que, no momento do ataque da bar-





## O MOMENTO NA CHINA

## A guerra de intrigas diplomáticas entre o Japão, a Rússia e a Inglaterra

LONDRES, 14 de abril — O governo soviético quebrou um pouco a sua aparente indiferença ante os acontecimentos que agitam toda a China. Ao que se sabe, a Rússia não suporta o facto consumado de uma invasão da sua embaixada em Pequim, embora a irritação do gabinete de Moscovo não vá ao ponto de declarar uma guerra que os diplomatas britânicos tanto desejariam ver deflagrada.

Os membros do governo russo sustentam diversas opiniões, disse resultando que a Rússia não tenha ainda assumido uma atitude devedora categorica. As notícias que chegam de Moscovo levam à impressão de que o governo soviético há os que pretendem a promulgação de medidas que poderiam ser muito perigosas na execução e, também, há os que entendem mais consentida uma política moderada que manifestasse a força e o prestígio da Rússia soviética sem serem necessárias as medidas violentas.

A diplomacia britânica «trabalha» o melhor que pode, ansiando por ver a Rússia atirada a uma guerra com o Japão ou com todas as potências interessadas nos acontecimentos do Extremo-Oriente. O governo soviético tem sempre esquivado a sua política de qualquer ofensiva belicosa. Tudo serve à rivalidade da Inglaterra: os boatos, os falsos informes dos correspondentes, os inevitáveis incidentes, mesmo uma circunstância fortuita.

A situação é muito grave. O assalto à embaixada soviética coincidiu com uma súbita mudança na política japonesa perante a China. O motivo de todas as conversações é a atitude que o governo de Tóquio vem assumindo. É certo que nenhum acontecimento se produziu de modo a colocar a hipótese de um próximo conflito guerreiro. Afirma-se, porém, que o Japão vai recar numa fria hostilidade contra a Rússia e que essa política hostil se iniciará para satisfação parcial da opinião conservadora, tão inimiga do bolchevismo e tão partidária da intervenção militar.

No entanto, o governo nipónico ainda é avesso, na sua maioria, a qualquer atitude de guerra à Rússia, procurando antes conciliar a sua opinião com as exigências dos conservadores militaristas.

Os tumultos de Hankow serviram de excelente e oportuno pretexto para a diplomacia britânica insinuar à opinião japonesa uma expedição militar de represália, que bem depressa se transformaria em um exército invasor disposto a tomar posse definitiva de vários territórios. A guerra inevitavelmente alastraria à Rússia, que também seria envolvida. Assim, o imperialismo inglês conseguiria, contra a China e contra a Rússia, os mesmos efeitos que não tem podido obter com a sua política.

O governo japonês, todavia, continua fugindo às sortidas da diplomacia britânica, porque não deseja a guerra e, desalentado, porventura, não teria o ensejo propício na atitude da Rússia. Por sua vez, o governo soviético procura seguir uma política que não melindre demais o governo de Tóquio e, por isso, tem um zelo incansável em desmentir boatos que possam complicar a já complicada situação.

Os nacionalistas chineses, ao contrário do que espalha a imprensa britânica, não perdem o contacto com o governo soviético. O ministro Eugénio Chen apressou-se a apresentar «sentimentos» pela violação da embaixada soviética, cuja responsabilidade somente atribui ao general Tchan Tso Lin, prometendo reprimir severamente todos os atentados contra a soberania soviética.

Também o governo de Moscovo teve o cuidado de libar o Japão da menor responsabilidade no atentado contra a embaixada. A opinião soviética tem-se manifestado no sentido de que o Japão não teve prévio conhecimento do facto. O corpo diplomático teria resolvido a busca depois de o ministro japonês ter se ausentado de Pequim, simulando assim os diplomatas estrangeiros ignorar que o governo japonês se oporia à violação da embaixada soviética no próprio momento da premeditação.

O triunfo da diplomacia inglesa não se aproxima ainda. Mais uma vez a política japonesa hesita e, ao mesmo tempo, a política soviética procura ganhar uma situação sem constrangimento em face aos acontecimentos. Uma guerra entre a Rússia e o Japão é um perigo pouco iminente; o imperialismo japonês tem grandes interesses na Manchúria, mas a Rússia de nenhum modo se anima a ameaçar os referidos interesses; contudo, o jogo de rivalidades e ambições que todas as potências se livram é bastante arriscado para que se possa afirmar que uma conflagração no Extremo Oriente é coisa improvável.

## A Rússia esquiva-se

Um discurso político do Rikow que deixa surpreender as intenções soviéticas

PARIS, 13 de Abril — Ante as diligências da Inglaterra para arrastar a Rússia a um gravíssimo conflito armado, empenham-se os políticos em destaque naquela nação em definir uma atitude. O sr. Rikow, que ocupa os negócios do estado bolchevista um lugar primordial, pronunciou no congresso soviético, ultimamente efectuado em Moscovo, um discurso que tem um evidente valor no conhecimento íntimo de todas as intrigas diplomáticas em torno da China.

O dirigente da república russa insurgiu-se com veemência contra os ataques da política estrangeira às instituições soviéticas, e, ao mesmo tempo, contra a tática concordância do corpo diplomático com a prática desses ataques. O sr. Rikow acusou a existência de uma bem premeditada conjura contra a paz e segurança da Rússia, da qual participam russos brancos (inimigos do bolchevismo) e agentes provocadores largamente retribuídos.

O político bolchevista salientou que representantes de várias nações negaram a sua responsabilidade na invasão da embaixada, que se realizou ou sem o seu parecer ou contra os seus desejos. E o sr. Rikow observou:

«O que se torna eloquente é que o governo soviético, até agora, não recebeu semelhantes declarações de outras potên-

cias, como, por exemplo, a Itália e a Inglaterra».

O sr. Rikow afirmou depois que as potências imperialistas pretendem vangloriar-se da Rússia porque ela renunciou espontaneamente ao protocolo dos *boxers*. Evidenciando-se como realidade que os tratados são desiguais, tornam-se frequentes os conflitos que a adesão da Rússia à política das potências faria inevitáveis.

Ainda o famoso ministro soviético afirmou o direito de asilo aos chefes da oposição, acrescentando que esse direito está estabelecido há muitos anos e praticado por todos os representantes diplomáticos que agora protestam.

A orientação militar do governo soviético resume-se nesta passagem:

«A U. R. S. S. não tem um só homem armado em território chinês, nem tem a menor intenção de enviar tropas para intervir na política interna da China. Esta atitude embaraça seriamente a intervenção das outras potências e excita também a simpatia do povo chinês, etc.»

A intenção dos imperialistas de intrigar a China com a Rússia é atribuída pelo sr. Rikow às potências. Refere-se à perseguição aos comunistas e declara seguidamente:

«A U. R. S. S. ripostou e responderá a esta provocação à guerra entre a China e a Rússia, que várias potências imperialistas estão fazendo, com aquela política pacífica que o governo soviético tem prosseguido durante os últimos anos.»

Rikow falou das medidas necessárias à liquidação de conflitos e garantia da paz, acrescentando:

«O cumprimento desta missão, no momento em que há uma forte tensão, e em que as forças inimigas provocam a U. R. S. S., não depende unicamente da Rússia. Durante a guerra mundial dizia-se que vencerá o que tiver os nervos mais fortes. Somos bastante fortes, endurecidos nas lutas, para que se possa esperar alguma coisa dos nossos nervos.»

Esta última passagem revela o pensamento político predominante na Rússia dos Soviéticos.

## Informações tendenciosas

XANGAI, 16. — As rivalidades pessoais existentes entre Chiang-Kai-Shek e o general Cheng-Chien, que tomou Nanquim, fazer prever uma luta aberta entre os exércitos de ambos. Continuam os boatos sobre negociações entre nordestas e sulistas, não havendo, porém, ainda nada assente de positivo. — (L.)

## A política nacionalista

Tudo é aceitável menos a contemporização com a Inglaterra

XANGAI, 16. — A resposta do ministro dos negócios estrangeiros do governo de Cantão à nota dos governos britânico, americano e italiano, pedindo reparações pelos ultrajes de Nanquim, foi hoje entregue aos consules, a fim de ser transmitida aos respectivos governos.

Afirma-se que o sr. Chen se dirige às várias potências em termos diferentes, reservando a mais agressiva atitude para a Inglaterra e a mais conciliadora para os Estados Unidos.

O ministro dos negócios estrangeiros cantonense sr. Chen, na sua resposta à nota das potências declara estar pronto a negociar as reparações, mas quanto aos acontecimentos de Nanquim, propõe um inquérito internacional, visto ser preciso apurar-se quem foram os autores dos desmandos, se as tropas cantonenses se os nordestas.

Pelo que se refere aos prejuízos suportados pelo consulado inglês em Nanquim, Chen aceita desde já a indicação da soma a pagar, uma vez que não resta dúvida de que eles foram cometidos por chineses. — (L.)

## O Japão penetra pacificamente...

TOQUIO, 16. — Continuar a ser alarmantes as notícias recebidas de muitos pontos da Manchúria, onde os comerciantes japoneses estão realizando negócios de efectivação imediata. Forças do exército japonês estão instalando estações rádio-telegráficas ao longo da fronteira da Coreia.

## O que ocorre em Hankow

HANKOW, 16. — A união dos camponeses dividiu por meio da força as terras na província de Hanan.

Na colónia americana há uma certa depressão por não haver aqui um barco para a sua evacuação como sucede com a França, Inglaterra e Japão.

O general inglês ofereceu ao Japão todo o seu auxílio para defesa da concessão japonesa. — (L.)

## Diversas notícias

XANGAI, 16. — Tem melhorado a situação em Xangai, depois das medidas tomadas por Chang-Kai-Shek, que inutilizou a acção do governo de Hankow. — (L.)

MOSCOW, 16. — Os comunistas internacionais publicaram um manifesto acusando o general Chang-Kai-Shek de traidor à revolução. — (L.)

NANQUIM, 16. — O comité central do Kuomintol resolveu pedir a captura de numerosos chefes extremistas incluindo a de Barodine, bolchevista russo e Chou-Tou-Hen, chefe do partido comunista chinês. — (L.)

## A carne em Lisboa

A Câmara Municipal já não envia um dos seus membros à Iugoslávia com o fim de estudar a qualidade do gado naquele país. Com a aproximação da Primavera, os lavradores sentem-se habilitados a abastecer o mercado de Lisboa. Até o fim do corrente mês, devem chegar três vapores com 930 rezes argentinas.

## FIGUEIRA DA FOZ

A Batalha vende-se nesta localidade na barbearia de Firmo Ferreira Pinto da Fonseca, na rua da República, 132.

## CARTA DO PORTO

## Enquanto uma legião de famélicos percorre as ruas em demanda de trabalho, os endinheirados vão dando pasto aos seus concupiscentes desejos

Quanto mais se aborram intentos de encurtamento dos pavorosos quadros mendicantes, mais parece refinar-se o seu alargamento de miséria inconcebível.

As medidas adoptadas, para a extinção da indigência, pela *élite* jornalística dos graduados oficiais e particulares que dominam na nossa impopular segunda capital e que em conjunto têm estudado o difícil problema, insolúvel em regime capitalista — jámais se tornarão nunciadas de feliz viagem para a tranquilidade espiritual e material de toda a gente.

De original, todo o concerto dessas medidas alegremente delineadas nos mapas fofos do governo civil, apenas trouxe a criação do provisório cartão *profissional de verdadeiro pedinte, de verdadeiro necessitado* — cédula tristíssima, humilhante, atia, que não lhe permite circular pelos pontos mais centrais e aristocráticos do vestuário burgo do Porto, para os *midnettes* da elegante sociedade não possam ser incomodados nos seus giros e nos seus sorrisos, maliciosamente entreabertos para os cavaleiros das suas vistas, pelo tremulo balbuciar dos lábios descorados e pelo tímido estender da mão descarnada da escória da sociedade...

O resto, é o que está há muito discutido em velhas reuniões de caridade balofa...

Dáqui se pode inferir que é inevitável, que é fatídico, o desfecho de todo o banque da insuficientíssima e insolucionadora assistência aos pobres: vem a terminar muito mal, como mal terminou o célebre banquete dos Lapitas.

Enquanto a nossa fidalguia capitalista, seguindo a máxima — do vício, os comodos e da virtude, a fama, — se vai canoforamente divertindo nas suas *soirées* e nas suas ceias à americana... para o bem da pobreza, a indústria vai paralisando cada vez mais. A medida que as marquezas e as condessas das avançadas caritativas vão, nos interregnos do bem-haja dos salões alcatifados, desfiando as suas preferências pelos cosinheiros que mais se possam aproximar ao do romântico Nomentano — respeitáveis ranchos de operários vão caindo, dia-a-dia, nos algarões da brutalidade *chômage*, carregando o negrume da penúria, a dor do pauperismo!

Como, provavelmente, a estes milhares de novos necessitados, não lhes é reconhecida a condição de mendigos profissionais, não lhes sendo, portanto — nem é preciso — passado o *avilante* critério, eles galgar-se-hão em espantosos esqueletos, que podem muito bem servir para o estudantil divertimento dos osteológicos estudos dos hospitais...

A solicita e piedosa mundanização da nossa gente escolhida, continuará a desdenhar do *malévolo* Isocrates, e mais do seu dito, não tomando, na sua diplomacia de prazeres palacianos, conhecimento de que a intemperança e a loucura são companheiras dos ricos...

Muito menos poderá recordar-se de daquela *virtude* de Manuel Ordoñez descrita por Lesage, cujo virtuoso irmão da beneficência, já há mais de três séculos, «nunca atendeu, desde de pequenino, senão ao bem dos necessitados», tendo, em Valladolid, «enriquecido a cuidar dos pobresinhos»...

O zelo cristão de que está fervorosamente embutida a fina sociedade de bom tom, não permite que ela nos seus esplendores *rendez-vous* diários tenha um pouco de vagar para discernir a cerca da preposição de Chosrois, segundo a qual, para se trabalhar e não mendigar, e para que não haja um único pobre, as terras devem ser todas cultivadas, não ficando nem o mais pequeno pedaço sem cultura. Os opulentos, ao considerarem esta vantagem para a felicidade geral, deviam transformar as suas riquezas espantosas em utilíssimas sementes que as dariam aos agricultores, para a produção abundante num sentido humano de um bem-estar comum.

## O Futuro Social

Reconhecidos sábios afirmam ser impossível a vida da humanidade dentro do regime de harmonia social. Apoiam esta sua gratuita afirmação nas deficiências do ser humano, esquecendo que estas tomam origem no acidente social e não no fundamento da própria vida.

O atavismo, poder formidável no meio passado e presente, influiu na inteligência destes sábios, levando-os a deter-se ante o obstáculo social, como inevitável consequência dos defeitos *natos* em todo o indivíduo.

O atavismo, sujeito às transformações progressivas das idades, tem-se ido modificando, concluindo daí que o trabalho são e racional que se verifica nos tempos modernos, terminará por aumentá-lo, imprimindo em todos os seres o selo de uma condição própria para o destruído de liberdades positivas. Fica portanto destruído o insubstancial critério dos sábios indicados.

A ciência fisiológica auxilia-nos no conhecimento das notáveis aptidões do ser humano e estas aptidões adquirindo perfeito desenvolvimento fazendo intervir na educação da criança a lógica natural e não impondo a de um perigo fantástico.

Deste trabalho unicamente fácil, depende a transformação anelada, sendo os resultados positivos um vigoroso *mentis* às torpes afirmações de muitos sábios que discorrem sobre ideias que não estudaram ou se as têm estudado não as compreenderam.

Façam-se professores aptos: eduque-se a criança com os sistemas de um ensino são, racional e científico, e assim laborando, no transcurso de meio século, a humanidade terá destruído toda a hipocrisia e malvadeza que impedem o advento desse futuro social vislumbrado.

Teresa CLARAMUNT

## IMPRENSA

## "O Trabalho"

Pela comissão de censura da Covilhã foi suspenso por dois meses o mensário *O Trabalho*, órgão da classe têxtil. Enquanto durar a sua suspensão publicar-se-á *O Têxtil*, da mesma classe.

## Sobre organização

## O exemplo russo

A Rússia, justamente neste particular, deu-nos um exemplo oportuno, cujas funestas consequências para todo o proletariado internacional ainda não podem ser apreciadas hoje em todos os seus detalhes. Enquanto que a ditadura dum determinado partido destruiu violentamente todos os órgãos naturais de reconstrução social — como sucedeu com os sindicatos e os soviets — em simples instituições do novo Estado, essa ditadura impediu artificialmente todas as condições prévias para a realização do socialismo e hoje vê-se cada vez mais forçada a volver ao caminho da economia capitalista. A ditadura pôde desenvolver um sistema de opressão política que excede em muito o despotismo do regime czarista, mas revelou-se completamente inútil e fracassou em absoluto quando se tratou duma transformação criadora da economia.

Contra a política do Estado e dos partidos o sindicalismo revolucionário opõe a política económica do trabalho organizado; contra a acção destruidora dos políticos profissionais opõe a actividade construtiva da administração das organizações económicas. Neste sentido deve dirigir-se toda a acção socialista das massas. Não se trata de indicar aos trabalhadores os meios e vias que consideram convenientes e necessários para levar ao poder um determinado partido político, mas sim ensinar-lhes como se administram oficinas, como se reorganizam a produção de acordo com os novos pontos de vista e como se suprimem as divergências existentes entre a indústria e a agricultura. Numa palavra: não se trata da conquista do poder político para os trabalhadores, mas sim da conquista das fábricas e da terra.

Os sindicalistas revolucionários são de opinião que toda a nova forma de economia implica também uma nova forma de organização política, e que só dentro dessa nova forma política pode desenvolver-se e realizar-se a vida social. O sistema das guildas da Idade Média achou a sua expressão política na cidade livre; o feudalismo e o sistema de dependência no reinado absoluto; a forma económica do capitalismo no moderno Estado representativo. Portanto é claro que também a ordem económica socialista deve desenvolver e elaborar a sua forma política especial de organização, se não quer condenar-se desde princípio à ineficácia. Mas esta nova forma de organização política do futuro não pode, nem ser tomada do passado nem arbitrariamente imitada do presente. Deve ter o seu apoio e fundamento natural no resultado imediato da nova divisão de toda a vida económica. Junto com o sistema do monopólio económico e da exploração das massas, deve desaparecer também o sistema de tutela e a dominação política, que é condicionada por aquela, ou — para falar com Saint Simon — a arte de governar os homens deve ser substituída pela arte de administrar as coisas.

Rodolfo ROCKER

## Saudações

## Novas e efusivas saudações à "Batalha"

Novas e efusivas saudações têm chegado até nós, a propósito do reaparecimento de A Batalha.

Ontem recebemos mais as seguintes felicitações:

O nosso camarada António Inácio Martins, militante da Construção Civil do Porto actualmente preso no Aljube daquela cidade, felicita-nos pelo reaparecimento de A Batalha.

O sr. José Paulino de Sousa saudou A Batalha pelo seu reaparecimento.

Em meu nome e em nome dos amigos de A Batalha em Tortozendo, saúdo este órgão das vítimas do capital, pelo seu reaparecimento, e faço votos para que ele continue a ser dentro desta sociedade crapulosa e ladrava o gladio que espandea todas as injustiças sociais. Espero, também, que a sua imprescindível acção será sempre dentro do campo libertário, fora de gargalhadas políticas, pois será aquele o único que conduzirá o proletariado à sua emancipação integral. — Américo Ribeiro.

«O Grupo Dramático «O Despertar» de Silves, composto exclusivamente por elementos sindicalistas revolucionários desta cidade, resolveu saudar o individual paladino das classes operárias, fazendo votos para que continui pugnando pelos ideais humanos sem procurar desviar-se do caminho traçado nos congressos operários. Este ofício fez-se acompanhar da importância de 50\$00 para as munições de A Batalha».

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fugoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor: Preço 1900.

Pedidos à administração de A Batalha. O revolucionário Social e o Sindicalismo

Por Arkínof. Preço 1950.

## VIDA SINDICAL

## Convocações

## DIAS PRÓXIMOS:

Federação Nacional dos Operários do Ramo da Alimentação. — Reúne amanhã a Comissão Executiva deste organismo, pelas 18 horas, para apreciar várias correspondências recebidas de diversos organismos e tratar de assunto de expediente.

S. U. C. G. — Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil. — Para um assunto urgente reúne amanhã, pelas 21 horas, a comissão administrativa deste organismo.

## CRONICA DO ESTRANGEIRO

## Uma conspiração bolchevista em França?

## A polícia de Paris assim afirma

O plano atribuído aos conspiradores é simplesmente terrificante para o burguês

PARIS, 16. — Descobriu-se a mais perigosa e maior conspiração comunista desde Zinovief.

Pelas cuidadosas investigações averiguou-se que o plano era bem organizado, tendo por objectivo minar o exército, a marinha e a aviação francesa, ocasionar a paralisação dos serviços públicos, fomentar desordens e mesmo a guerra.

Foram presos oito dos conspiradores, havendo mandato de captura contra um comunista membro do conselho do partido e o secretário do mesmo. — (L.)

## Soro grego anti-bolchevista

ATENAS, 16. — O governo grego dirigiu uma nota a Moscova reclamando a anulação do tratado greco-russo assinado pelo ditador Pangalos, pelo qual é concedido aos agentes comerciais soviéticos imunidades diplomáticas. — (L.)

## A belicoidade das potências

## As rivalidades balcânicas

ROMA, 16. — «O Popolo de Italia» publica um artigo criticando a atitude italiana da Iugoslávia e põdo-a em paralelo com a longanidade italiana durante a guerra e as negociações para a paz. O articulista refere-se também às perseguições feitas na Dalmácia aos cidadãos italianos. — (L.)

## Navios de guerra para a Argentina

BUENOS AIRES, 16. — O ministro da Marinha foi autorizado a assinar contrato com uma casa italiana para a construção de dois cruzadores ligeiros. — (L.)

## O falaz desarmamento

LONDRES, 16. — A conferência para o desarmamento naval em que tomam parte a Inglaterra, os Estados Unidos e o Japão realiza-se em Washington no dia 12 de julho. — (L.)

## A guerra em Marrocos

MADRID, 16. — Está sendo organizada uma nova expedição a Marrocos. — (L.)

## Uma mulher de armas

CHICAGO, 16. — A célebre saltadora Helen Kinkal defrontou-se na última sexta-feira com 50 polícias enquanto os seus três companheiros roubavam uma joalheria donde levaram 7.500 dollars em dinheiro.

A polícia apoderou-se da mala que Kinkal largara na fuga e que continha a sua morada.

Quando depois os agentes lhe cercaram a casa, Kinkal fez fogo contra eles, tendo sido preciso o emprego de agulhetas para a capturar. — (L.)

## A vida luguesa

## Um candidato às alturas

NOVA YORK, 16. — O professor Murray Butter, reitor da Universidade de Columbia, é o candidato do Partido Republicano à presidência da República. — L.

## Um financeiro que se safou

PARIS, 16. — O banqueiro Rochette, que faliu fraudulentamente, tendo prestado a caução de 900.000 francos, foi posto em liberdade provisória.

## E outro que se some

LONDRES, 16. — Faleceu nesta cidade, de doença súbita, o milionário Wyndham Ivos Radcliff. — L.

## No regime capitalista

## Agitação operária na Polónia

VARSOVIA, 16. — Os empregados telegráficos ameaçaram o governo de um movimento grevista se não forem aumentados os seus vencimentos. — (L.)

## "Lock-out" na Noruega

OSLO, 16. — A ameaça do «lock-out» da indústria do papel foi afastada por um acordo provisório com a redução de 8 por cento nos vencimentos dos operários. — (L.)

## Noticiário diverso

## Experiências de telefonia sem fios

BERLIM, 16. — Vão realizar-se na próxima segunda-feira, no fundo do mar, experiências de comunicação com os receptores de telefonia sem fios em toda a Alemanha. — L.

## Morte de um artista

LONDRES, 16. — Faleceu hoje com 88 anos o grande pintor Henry Holliday, autor do quadro «Dante e Beatriz», existente no museu de Liverpool. — L.

## As tempestades

MADRID, 16. — A tempestade que ontem caiu sobre o Mediterrâneo atacou em especial Marrocos, tendo as tropas sofrido bastante. O inimigo não hostilizou. As últimas notícias são como tendo amanecido a tempestade. Foi salva toda a guarnição do transporte inglês «Collindaga», que naufragou. — L.

ALGERIA, 16. — Um ciclone destruiu em Oranais grande número de propriedades. Os prejuízos são calculados em milhões de francos. — L.

O delito dos operários que se encontram no Forte do Monsanto, arguidos do caso da Biblioteca Nacional, está previsto no Código Penal como um caso de ofensas corporais. Se assim é, porque não são enviados a Boa-Hora os referidos presos?